

Raissa Pereira Baptista

Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais
– Cefet-MG

E-mail:

raissapbaptista@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Inimigas naturais dos livros: uma história conturbada das mulheres na impressão e na tipografia

*Natural enemies of books:
a messy history of women in printing and
typography*

*Enemigas naturales de los libros: una
historia conturbada de las mujeres en la
imprenta y en la tipografía*

Baptista, R. Inimigas naturais dos livros: uma história conturbada das mulheres na impressão e na tipografia. Revista Eco-Pós, 27(2), 462–469. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i2.28297>

RESUMO

Esta resenha crítica visita a primeira publicação brasileira do livro *Inimigas Naturais dos Livros: uma história conturbada das mulheres na impressão e na tipografia*, publicado pelo Clube do Livro do Design, em 2022, examina a complexa e frequentemente negligenciada participação das mulheres na história da impressão e da tipografia. O livro destaca as barreiras enfrentadas por mulheres em uma indústria tradicionalmente dominada por homens, revelando de que formas contribuíram significativamente para o campo, apesar das adversidades. A obra explora as histórias de mulheres pioneiras que desafiaram as normas de gênero para fazer suas marcas na tipografia e na impressão, e que muitas vezes foram apagadas ou subestimadas na narrativa histórica oficial.

PALAVRAS-CHAVE: *Mulheres na impressão; Mulheres na tipografia; Mulheres na edição,*

ABSTRACT

This critical review visits the first Brazilian publication of the book *Natural Enemies of Books: A Messy History of Women in Printing and Typography*, published by the Clube do Livro do Design, in 2022. It examines the complex and often overlooked participation of women in the history of printing and typography. The book highlights the barriers faced by women in a traditionally male-dominated industry, revealing the ways in which they have significantly contributed to the field despite adversity. The work explores the stories of pioneering women who challenged gender norms to make their mark in typography and printing, and who were often erased or underestimated in the official historical narrative.

KEYWORDS: *Women in printing; Women in typography; Women in book publishing*

RESUMEN

Esta revisión crítica visita la primera publicación brasileña del libro *Enemigas Naturales de los Libros: Una Historia Turbulenta de las Mujeres en la Impresión y en la Tipografía*, publicado por el Clube do Livro do Design, en 2022, examina la compleja y frecuentemente descuidada participación de las mujeres en la historia de la impresión y la tipografía. El libro destaca las barreras que enfrentan las mujeres en una industria tradicionalmente dominada por los hombres, y revela las formas en que han contribuido significativamente al campo a pesar de la adversidad. La obra explora las historias de mujeres pioneras que desafiaron las normas de género para dejar su marca en la tipografía y la impresión, y que muchas veces fueron borradas o subestimadas en la narrativa histórica oficial.

PALABRAS CLAVE: *Mujeres en la impresión; Mujeres en la tipografía; Mujeres en la edición.*

Submetido em 04 de junho de 2024.

Aceito em 13 de agosto de 2024.

Inimigas naturais dos livros: uma história conturbada das mulheres na impressão e na tipografia é uma obra organizada por Maryam Fanni, Matilda Flodmark e Sara Kaaman, três mulheres que compõem o coletivo feminista sueco MMS, suas iniciais. No Brasil, o livro foi publicado pelo Clube do Livro do Design, fundado por Tereza Bettinardi, designer de livros e editora, responsável pela coordenação editorial da primeira edição brasileira. A publicação é composta por Prefácio, Introdução e quatro capítulos, além de ensaios e poemas de Kathleen Walkup, Ida Börjel, Jess Baines, Ulla Wikander e entrevistas com as tipógrafas Inger Humlesjö, Ingegärd Waaranperä, Gail Cartmail e Megan Dobney. Esses capítulos são intercalados com fac-símiles da versão original - *Natural enemies of books* -, publicada pela Occasional Papers, no início de 2020.

No prefácio, Nina Paim (2022), designer gráfica, pesquisadora, curadora e ativista brasileira, aborda a trajetória histórica e os desafios enfrentados pelas mulheres no campo da impressão e da tipografia. No texto, a autora explora como as mulheres foram, muitas vezes, marginalizadas e invisibilizadas em uma indústria dominada por homens, mesmo quando contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento dessas artes. Evidencia também a importância de mulheres começarem a controlar os meios de produção - as prensas e os tipos - para, assim, levarem adiante suas mensagens e ideias, com destaque para a autonomia e a difusão dos movimentos ativistas, como, por exemplo, o Movimento de Libertação das Mulheres dos anos 1960 e 70, que questionava o valor cultural e legal do patriarcado e das hierarquias sociais e sexuais que controlam a independência legal e física das mulheres na sociedade.

Não é surpresa que o Movimento de Libertação das Mulheres dos anos 1960 e 1970 tenha aberto o caminho para o que mais tarde ficou conhecido como o movimento Women in Print [Mulheres na Impressão]. Só na América do Norte, mais de cem livrarias feministas construíram “uma rede transnacional que ajudou a moldar alguns dos debates mais complexos do feminismo”, como apontou Kristen Hogan em the Feminist Bookstore Movement [o Movimento Livreiro Feminista]. (Paim apud Fanni, 2022, p. 13).

Paim (2022) conta ainda que a imprensa feminina e feminista no Brasil tem uma distante tradição, que só vem sendo explorada recentemente, a partir de periódicos do século XIX, como *Bela Irada* (1833-1834), *Jornal das Senhoras* (1852-1955), *Nós Mulheres* (1976-1978), *Mulherio* (1981-1989) e *Nzinga Informativo* (1985-1989). A elaboração desses

periódicos compeliu as mulheres a investigarem e aprenderem todo o processo, desde a pesquisa e a escrita até a impressão.

Na Introdução, Fanni, Flodmark e Kaaman relatam que o ponto de partida do livro foi quando conheceram o *Bookmaking on the Distaff Side* [A produção de livros pelo lado não masculino], publicado em São Francisco, em 1937, composto por contribuições de profissionais envolvidas com publicações, tipografia e produção gráfica. Dessas contribuições, tirou-se a ideia para o título do livro, uma resposta irônica de Anne Lyon Hight ao historiador de livros William Blades, que incluía as mulheres assim: “outros inimigos dos livros: umidade, pó, sujeira, traças, leitores descuidados, tomadores de empréstimos, ladrões de livros, assombrações de biblioteca etc.” (Fanni; Flodmark; Kaaman, 2022, p. 18). A obra então:

[...] que reúne mais de vinte contribuições, muitas delas experimentais, de um grupo diverso de profissionais envolvidas com publicações, tipografia e produção gráfica. [...] “uma mistura eclética de artigos, poemas e homenagens em geral bem-humorados e eventualmente apologéticos [e que] contém diversos ensaios bem documentados que analisam o papel que as mulheres têm desempenhado na história da indústria gráfica na Europa e Estados Unidos”. (Fanni; Flodmark; Kaaman, 2022, p. 27).

As organizadoras contam que o livro discute as mudanças, ao longo do tempo, nas condições de trabalho e no reconhecimento das mulheres na indústria, oferecendo uma análise crítica sobre a evolução e a atual situação de equidade de gênero no campo. Por meio de uma combinação de pesquisa histórica detalhada, relatos pessoais e análises críticas, a obra busca não apenas documentar a presença das mulheres na impressão e na tipografia, mas também inspirar uma reavaliação das narrativas convencionais. “O que editar (juntas) significava para mulheres, como engajamento na luta por direitos e em termos de sustento?” (Fanni, Flodmark, Kaaman, 2020, p. 29-30). A obra reforça a necessidade de se reconhecer e celebrar as contribuições femininas, propondo uma visão mais inclusiva e justa para o futuro dessas artes, elucidando a importância da união entre mulheres, com ênfase na formação de coletivos para que as publicações aconteçam.

No capítulo *O livro como uma festa americana: Edna Beilenson, Jane Grabhorn & e as publicações da Distaff Side*, Kathleen Walkup aborda a contribuição de duas figuras importantes na tipografia e na publicação de livros: Edna Beilenson e Jane Grabhorn, que, por meio de suas

respectivas iniciativas editoriais, desafiaram as normas de gênero da época e deixaram um legado significativo no campo das publicações.

Edna Beilenson, uma tipógrafa e impressora de destaque, é celebrada por seu trabalho na Peter Pauper Press, onde produziu livros de alta qualidade com design inovador. Sua habilidade em combinar estética e acessibilidade fez de suas publicações um marco na indústria editorial. Jane Grabhorn, por sua vez, é lembrada por suas contribuições na Grabhorn Press e as publicações satíricas e experimentais sob o selo Jargon Society. Sua abordagem irreverente e criativa desafiou as convenções tradicionais da tipografia e ampliou os limites do design de livros. A Distaff Side, uma iniciativa de Beilenson e Grabhorn, destaca-se como um esforço colaborativo para promover o trabalho de mulheres na impressão e na publicação. Pela Distaff Side, elas criaram um espaço onde mulheres poderiam explorar e inovar no campo tipográfico, proporcionando uma plataforma para vozes femininas na indústria editorial. Walkup analisa como essas mulheres transformaram o livro em uma espécie de *festa americana*, uma metáfora que sugere a celebração e a diversidade de ideias e estilos presentes em suas obras. O capítulo celebra a coragem, a criatividade e a contribuição duradoura de Beilenson e Grabhorn, enfatizando a importância de se reconhecer e valorizar o papel das mulheres na história da tipografia e da impressão.

No segundo capítulo, intitulado *A vampira e a querida sacerdotisa do modernismo*, Ida Börjel, explora as complexas relações de um trisal composto por três figuras importantes do modernismo: Laura Riding, Robert Graves e Gertrude Stein. Börjel utiliza as metáforas da *vampira* e da *querida sacerdotisa* para descrever as dinâmicas entre eles e suas contribuições para o movimento modernista. Laura Riding é apresentada como a *vampira*, figura que desafia as normas e exerce uma influência intensa e muitas vezes controversa. Sua relação com Robert Graves, tanto pessoal quanto profissional, é marcada por profundas interdependência e criatividade, mas também por conflitos e tensões. Riding é vista como uma força transgressora que empurra os limites da literatura e da colaboração artística. Gertrude Stein, por outro lado, é descrita como a *querida sacerdotisa* do modernismo. É amplamente reconhecida e respeitada no círculo modernista, desempenhando papel central na promoção e no apoio a outros escritores e artistas. É vista como uma figura de autoridade e estabilidade, que, apesar das excentricidades, é acolhida e celebrada no movimento. Robert Graves serve como um ponto de

ligação entre essas duas figuras femininas, navegando entre a influência poderosa e desafiadora de Riding e a orientação mais estabelecida e acolhedora de Stein.

Ida Börjel, ao detalhar essas relações, destaca a importância de se reconhecer a variedade de papéis que as mulheres desempenharam no modernismo, tanto como desafiadoras das normas quanto como apoiadoras do estabelecimento literário. O texto celebra suas contribuições significativas e a diversidade de estratégias e trajetórias das mulheres nesse período, sublinhando a complexidade de suas experiências e a riqueza de suas contribuições para o campo artístico e literário.

No texto do terceiro capítulo, *Uma baita ideia: gráficas feministas e Movimento de Libertação das Mulheres na Inglaterra*, de Jess Baines, é examinada a interseção entre gráficas feministas e o Movimento de Libertação das Mulheres na Inglaterra, durante as décadas de 1970 e 1980. Baines detalha como as gráficas feministas surgiram como resposta à necessidade de criar uma plataforma independente e autossuficiente para a produção e a disseminação de literatura feminista e outros materiais de ativismo. Essas gráficas não apenas forneciam recursos essenciais para o movimento, como folhetos, manifestos e revistas, como também funcionavam como espaços de empoderamento e educação para as mulheres envolvidas. Ofereceram treinamento em habilidades tipográficas e de impressão, promovendo a autonomia e a confiança das mulheres, em um campo dominado pelos homens.

Baines destaca exemplos específicos de gráficas feministas, como a Onlywomen e a Women's Printshop, que desempenharam papéis cruciais na prospecção das vozes femininas e na distribuição de informações vitais sobre questões de gênero, direitos das mulheres e igualdade. Essas gráficas também foram espaços de colaboração e sororidade, onde as mulheres podiam compartilhar ideias, estratégias e apoio mútuo. O texto enfatiza a importância das gráficas feministas não apenas como ferramentas práticas para o movimento, mas também como símbolos de resistência e criatividade. Elas ajudaram a moldar a identidade visual e a mensagem do Movimento de Libertação das Mulheres, deixando um legado duradouro na luta pela igualdade de gênero. Jess Baines, ao examinar essas iniciativas, ressalta a inovação e a determinação das mulheres que as lideraram, mostrando como a impressão e a tipografia se tornaram poderosas ferramentas de mudança social e empoderamento feminino na Inglaterra.

No quarto e último capítulo, *A batalha entre homens e mulheres no ofício tipográfico*, Ulla Wikander, narra a histórica luta de gênero na profissão tipográfica. A autora analisa como, ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram diversas barreiras ao tentar entrar e se estabelecer no campo da tipografia, área tradicionalmente ocupada por homens. O texto descreve a evolução dessas tensões, destacando momentos-chave em que as mulheres começaram a desafiar as normas estabelecidas e a reivindicar seu espaço na tipografia. Wikander examina como a industrialização e as mudanças tecnológicas influenciaram essa dinâmica, às vezes abrindo novas oportunidades para as mulheres, enquanto, em outros momentos, reforçavam as exclusões de gênero. A autora também aborda as estratégias utilizadas pelas mulheres para superar as barreiras, como a criação de suas próprias gráficas e a formação de redes de apoio mútuo, assim como reforça a importância dessas iniciativas, mostrando como elas não apenas permitiram que as mulheres se destacassem na tipografia, como também ajudaram a transformar a própria natureza do ofício. Por fim, Wikander contextualiza essa disputa de gênero dentro de uma luta mais ampla por igualdade no local de trabalho e na sociedade. O texto destaca a resiliência e a criatividade das tipógrafas, reconhecendo suas contribuições significativas e muitas vezes ignoradas para a evolução da tipografia.

Inimigas naturais dos livros reexamina a narrativa histórica tradicional, trazendo à tona as histórias de pioneiras que desafiaram as normas de gênero e abriram caminhos para futuras gerações. Através de exemplos inspiradores, o livro celebra a resiliência, a inovação e a criatividade dessas mulheres, reconhecendo sua importância na transformação do campo tipográfico. Mais do que um registro histórico, o livro é um chamado à ação para continuar lutando por igualdade e reconhecimento. Ele destaca a necessidade de criar espaços mais inclusivos e equitativos, onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas. Ao resgatar e valorizar as contribuições femininas, *Inimigas naturais dos livros* não só honra o passado, mas também inspira um futuro no qual a diversidade e a igualdade sejam a norma. Em última análise, a obra é uma homenagem às mulheres que, com determinação e talento, deixaram sua marca na história da impressão e da tipografia, e um lembrete de que a luta pela justiça e pela igualdade de gênero é incessante e fundamental.

Referências

FANNI, Maryan; FLODMARK, Matilda; KAAMAN, Sara (org.). *Inimigas naturais dos livros: uma história conturbada das mulheres na impressão e na tipografia*. São Paulo: Clube do Livro do Design, 2022.

Raissa Pereira Baptista - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Cefet-MG

Doutoranda em Edição em Estudo de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Mestre em Estudo de Linguagens pelo Cefet-MG, pós-graduada em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário UNA. Graduada em Design Gráfico, Universidade Fumec.

E-mail: raissapbaptista@gmail.com